

NUMA FRONTEIRA INCERTA

um conto de

Egídio Álvaro

Alegremente disfarçados, precipitaram-se pela escada acima, excitando-se com gritos roucos e agudos, empurrando-se, rindo, tacteando na penumbra, cantando em falsete, arrastando sem custo leves recordações de experiências várias e passadas, desejos informes, sensações que vinham chocar docemente contra o corpo e os olhos, numa atmosfera esultante, acre, violenta, inesperada e pressentida. Abriu-se de um sopro a porta. Jaziam garrinhas no corredor, alinhadas contra a parede, aperitivos e bolos repousavam em mesas improvisadas. Estacionavam pares nos umbrais, entretidos em conversações anónimas. Chocavam-se duas músicas, jazz e tango. Da sala do fundo um odor a frango assado escapava-se rente ao solo e tentava atingir a saída, sem contudo o conseguir, espezinhado por passos entrecruzados, aspirado por muitas narinas ávidas.

No corpo escavacado e magro, na cara mal barbeada, no cabelo crescido, no andar desaguetado e incerto, Artur perdia-se entre os sons, as pessoas, os odores, os gestos, era uma sombra e um pequeno incómodo, um comedor a mais ou alguém no canto de uma janela, observando, registando, comparando, aborrecendo. Só o olhar prometia paraísos sonhados a medo, densos mundos de carícias, segredos inesperados, palavras caindo como certas chuvas na noite. Tinha um dis-

larce simples. Uma tira de tecido na cabeça, uma pena preta, óculos desenhados à volta dos olhos, em concorrência com as olheiras, um bigode que no canto dos lábios se curvava para cima. Na cintura, um cachecol de franjas esvoaçantes. Na mão direita um grande cálice cheio de um líquido laranja, alcoólico e expesso. Bebeu-o de um trago, foi à sala do fundo, encheu-o, tornou a despejá-lo, e a enchê-lo. Hesitou entre as duas músicas, preferiu o jazz, por ser mais quente, por haver menos luz, por ter mais mulheres, por haver um cadeirão meio escondido num canto propício a beberricar. Ramou para lá como um destroço, a pena flutuando na fumaça dos cigarros, o braço curvado protegendo cuidadosamente o cálice, passos furtivos esgueirando-se entre os que dançavam, um ligeiro irerir nas narinas ao ver o corpo fino de Maria embalado por uns braços quaisquer e a cabeça de Teresa repousando sobre uns ombros desconhecidos. Sentou-se e, como esperava, passou despercebido e pôde contemplar à vontade Maria e Teresa, e a maneira lenta e cadenciada como se deviam levar pelo ritmo e como os seus corpos se crispavam, por vezes, acompanhando a melodia. Mais do que nunca ele era o formidável tecido de inumeráveis experiências, reconhecimentos, recordações. Era o que dormia sobre uma palha mesquinha, junto aos caixotes do lixo, com uma garrafa ao lado, e cheirava mal, era o que saía do teatro de smoking, camisa imaculada, sapatos envernizados e uma bela mulher ao lado, imperceptivelmente usada pelos anos, era o que escrevia num café, temendo os olhares de todos, com uma fúria louca, longos poemas sobre si próprio e algumas frustrações, era o relato seco de um caso de delito comum e a sádica exploração de um crime passionai, e as declarações lidas poucas horas antes, e a história halucinante e pungente de uma habitação que diminuía à medida que um amor morria asfixiado por tantas e tantas coisas, era o homem de vinte anos e também o de setenta, e um discurso vazio, e a brutalidade sem fronteiras do "mais forte", e o sorriso fulminante de uma jovem, uma canção e um passeio num jardim, e o tédio de uma presença forçada, e a possibilidade constante de ver toda a esperança abandonar o espírito, e o desmoronar da vontade num iracasso

gigantesco.

Num sobressalto e num esforço, levantou-se, curvou-se gentilmente diante de Maria, tomou-a nos braços e começou a dançar, excitado e receoso, porque dançava muito mal. Trocava os passos, enganava-se, córava rudemente, estreitava Maria contra si.

"Entre o amor e a indiferença há uma fronteira incerta, em contínua expansão, onde os gestos e as intensões perdem o significado. Aí tudo é confuso, embora áspero e petrificado, e os passos para o teu coração podem por vezes ser dados para longe, para o passado, para nenhures, ou para um lugar perdido. Se um dia chorares por mim, numa recordação, ao tombar da noite, sentada na cadeira desconfortável de uma esplanada, perto de um lago artificial, lutando contra os mosquitos e a ternura que te invade, se um dia chorares por mim - olha, Daisy - põe o teu sorriso mais belo para que as lágrimas brilhem nos teus olhos, e deixa uma pequena ruga de saudade sondar o canto dos teus lábios. Entre o amor e a indiferença há uma fronteira incerta".

Corria ligeiro o tédio pelo rosto de Teresa quando a tomou para si, os poemas quebravam-se na memória, cada palavra era um suplício, a imaginação tecia-se de negro em acordes profundos, tocavam-se as peles e havia calor, procuravam-se os olhos e havia luta, cada ontem rememorado - e o andar gracioso, e os cabelos brilhando ao Sol, e o perfume na praia, e uma carícia furtiva - se apagava irrimamente numa tácita recusa de reconhecimento, e os gestos eram cada vez mais desageitados e explosivos, cabelos entravam na boca, havia choques no espaço acanhado, uma cadeira caiu com estrondo, sóis brilhavam estonteantes no rechar dos olhos e nada ficava nos braços, palavras banais, banais, e um lirismo foscó e peganhoso ia-zia apetecer gritar e rugir, esperar uma outra oportunidade... era amargo o convívio.

Impunha-se não matar o já vivido e não estrangular o ainda por viver. Deixou-a pois, percorrendo-lhe cegamente a face com a ponta dos dedos, abandonou-a no turbilhão, navegou de braços estendidos para o seu canto, caiu no fogo da presença de Maria,

reconheceu súbitamente uma centelha de paixão, ela tomou-lhe as mãos com doçura, alguém cantava um blues fabuloso - baixaste então a cabeça e começaste a chorar, baixaste a cabeça e começaste a chorar-, sentados juntos lutavam contra as eternas forças de afastamento, vogavam no país longínquo da ternura um pouco ácida, saigada pelas dúvidas e pelo ciúme antecipado de uma separação futura, cor-tavam com as palavras inúteis, voltavam às ~~imagens~~ imagens gravadas pacien-temente na memória das noites acordadas.

Arrancou a pena e fita, mordeu um cigarro, sorriu, começou a inebriar-se com os bruscos saltos para o desconhecimento das ima-gens explosivas que vinham morrer na curva dos lábios e escaida-vam nas mãos, inesperadamente secas, soireu sem água um vislumbre de Teresa beijando alguém, abandonando-se, tornando-se inacessível.

Falou baixo, junto à curva do pescoço de Maria, sabendo como queimava o hábito e a palavra, como tinham no corpo um ca-minho luminoso, como estendiam seus poderes até às fronteiras do insuspeitado e do entrevisto, como derrubavam as barreiras, como troavam carregadas de delírio, como apagavam tudo o resto.

"Vem vagorosamente / Vem levemente / vem sózinha, solene, com as mãos caídas / ao teu lado, vem". Para ti destilarei illores do país da minha insônia, inventadas nas noites passadas a imagi-nar-te, criarei venenos e filtros mágicos, percorrer-te-ei encansá-velmente, cantarei as baladas dos grandes amorosos, perdidas na me-mória dos tempos, far-te-ei ressuscitar a cada morte que tiveres, mais bela e desejável, tatuarei na tua carne o caminho que vem para mim, e a cada grito, a cada revolta, a cada raiva, a cada recordação, abrirei a porta das louças areias insondáveis que povoam os dias e murmuram o manual das tentações e ensinam os secretos hinos da grande harmonia. Levarte-ei ao meu "pazis de peura e vento duro" e embriagar-te-ei com as saudades de uma raça, com o humor amargo de uma indiferença certa. Dar-te-ei a provar da taça da ironia "vem sózinha", despojar-te-ei das tuas agonias, "vem levemente", servir-te-ei de guia na esfera densa da subtil sensualidade que mora entre os escolhos da comunicação, estender-me-ei, imensocolossal,

diante da porta de Cada Noite, para que tu possas imoerber-te de mim antes do esquecimento, dir-te-ei da dor de cada trição, e da lenta circulação dos dias e de como em cada gesto há o suicídio de um desejo."

Levantaram-se, enlaçados, frequentadores ^{de} ~~V~~úbios universos, tacteando na grande incerteza. Alguém dizia "estava tão perto de ti que ao pé dos outros tenho frio".

Egídio Álvaro

Egídio Álvaro

Alis, resiente alisarçados, precipitaram-se pela escada acima, excitando-se com gritos roucos e agudos, empurrando-se, rindo, tacteando na penumbra, cantando em arreios, arrestando sem custo levar recordações de experiências várias e passadas, desejos interiores, sensações que vinham chocar docemente contra o corpo e os olhos, uma alacriação enervante, acre, vislumbra, inesperada e pressentida. Abriu-se de um segredo a porta. Jaziam garrafas no corredor, arrastadas contra a parede, apertalvos e bolos repousavam em mesas improvisadas. Estacionavam pares nos amonais, entretidos em conversações átonicas. Checavam-se duas músicas, jazz e tango. La sala de jantar um odor a arango assado escapava-se rente ao solo e tentava atlagar a saída, sem contudo o conseguir, tapetado por passos entrecruzados, aspirado por muitas e finas avicças.

No corpo escavacões e magro, na cara mal barbeada, no cabelo crescido, no andar desajeitado e incerto, Arar perdia-se entre os sons, as palavras, os odores, os gestos, era sua sombra e um pé quasi incómodo, um convulso e mais ou alguém no canto de uma janela, observando, registando, comparando, absorvendo. Só o olhar proeminia paraí-os somnados a meio, alguns mandos de caríctas, segredos inesperados, palavras calado como certas chuvas na noite. [Uma um dia-